

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
IR AO CINEMA EM 1975
3 e 9 de maio de 2024

AMICI MIEI / 1975

(Oh! Amigos Meus!)

um filme de Pietro Germi e Mario Monicelli

Realização: Mario Monicelli / **Argumento:** Pietro Germi, Leo Benvenuti, Piero De Bernardi, Tullio Pinelli, segundo uma história de Pietro Germi / **Fotografia:** Luigi Kuveiler / **Direção Artística:** Lorenzo Baraldi / **Música:** Carlo Rustichelli / **Montagem:** Ruggero Mastroianni / **Intérpretes:** Ugo Tognazzi (conde Lello Mascetti), Philippe Noiret (Giorgio Perozzi), Gastone Moschin (Giambaldo Melandri), Adolfo Celi (professor Sassaroli), Duilio Del Prete (Necchi), Bernard Blier (Righi), Silvia Dionisio (Titti), Angela Goodwin (mulher de Perozzi), Franca Tamantini (Carmen, mulher de Necchi), Milena Vukotic (Alice Mascetti), Olga Karlatos (Donatella), Edda Ferronao, Marisa Traversi, Maurizio Scattorin, Mauro Vestri.

Produção: Carlo Nebiolo, para Rizzoli Film / **Cópia:** digital, colorida, legendado eletronicamente em português, 113 minutos / **Estreia Mundial:** Outubro de 1975 / **Estreia em Portugal:** Londres, 23 de Dezembro de 1976

No começo do filme uma legenda explica logo porque colocámos na nossa ficha a referência "um filme de Pietro Germi e Mario Monicelli". O genérico começa com a indicação de "Un film di Pietro Germi", e só no final "Regia di Mario Monicelli".

O seu a seu dono. Porque **Amici Miei** é fundamentalmente um filme "de" Germi, tal como **Poema o More/"O Poema do Mar"** é um filme de Dovjenko. Em ambos os casos tratam-se de obras que os autores prepararam minuciosamente, tendo falecido ambos antes de começarem as filmagens, mas deixando tudo pronto, elenco, repérages, planificação, etc., de tal modo que bastava a qualquer um de dar ordem de "acção" (diga-se desde já que por aí se ficam as comparações entre **Amici Miei** e a obra prima de Dovjenko/Solntseva). **Amici Miei** é um filme de Germi para o melhor e para o pior (mais o segundo do que o primeiro). Dele vem o gosto pelo excesso, pela graça escatológica, pela caricatura a traço grosso, características de outros êxitos de bilheteira que Germi criou, em especial a partir de **Divorzio all' Italiana**. Ao tomar o seu lugar na direcção de **Amici Miei**, Monicelli parece ter assumido, também, alguns dos "vícios" do seu amigo, ou ter-se resolvido, pelo menos, a tomar o "seu" lugar na exploração desse tipo de comédia, o que fez com mais frequência (**Temporale Rosy**, **Amici Miei 2**) do que seria desejável e em detrimento da sua própria obra, de uma concepção mais humanista, mais atenta à psicologia dos personagens, que nos tinha dado duas obras primas (**Guardie e Ladri, I Soliti Ignoti**), para além de outros filmes a merecerem uma revisão atenta (**Un Eroe dei Nostri Tempi**, **Donatella**, **La Grande Guerra**), sem esquecer os melhores Totò de série (de "parceria" com Steno).

Se com **Divorzio All' Italiana** Pietro Germi conseguia, além do êxito de bilheteira, e em virtude deste, abrir um caminho "novo" para a comédia italiana, com **Amici Miei** é a sua vez de "explorar" o que outros tinham aberto pouco antes. Falamos, concretamente, dos filmes de "amigos", variante europeia dos "buddy movies" americanos (mas com maior número de personagens e em situações mais "realistas"), que estiveram na moda na segunda metade da década de 70, que Claude Sautet lançara em França em 1974 com **Vincent, François, Paul et les Autres/Os Inseparáveis**, e Ettore Scola em Itália no mesmo ano com **C'Eravamo Tanto Amati/Tão Amigos Que Nós Éramos**. Se idêntico olhar misógino passa por todos estes filmes, o de Germi/Monicelli é mais "refinado" no seu "desprezo" pela mulher. Se nos filmes de Sautet e Scola o seu estatuto, mesmo que marginal, é ainda respeitado, no filme de Germi/Monicelli ela é tratada, para usar uma expressão popular, "abaixo de cão": ou é uma idiota submissa (a mulher de Mascetti/Ugo Tognazzi) ou uma virago seca e arrogante (a de Perozzi/Noiret, que só "conhecemos" com a morte deste), servindo as restantes apenas para alívio das pulsões eróticas masculinas, e para as clássicas piadas de mau-gosto que se tivessem lugar num filme português se diriam ser "de Parque Mayer" (sem ofensa para este velho recinto de variedades). O sucesso de um filme como **Amici Miei** radica essencialmente na forma como faz apelo, e estimula, uma certa imagem de "boémia" que, neste caso, é de puro "esgotamento". Não se trata, como em certos "retratos" clássicos do género, de busca de uma vida alternativa, de descoberta ou mesmo de prazer. Aqui trata-se de levar ao esvaziamento completo dos sentidos e, inclusive, da noção de "responsabilidade" (de que é exemplo a figura do médico Sassaroli/Adolfo Celi, capaz de deixar um doente na mesa de operações para mais uma farra com os "amigos"), onde a paródia não é mais do que uma deriva entre a escatologia pura e uma corrida para a auto-destruição, entrecruzada por todo o tipo de provocações, geralmente de carácter gratuito, mas que responde a uma certa opinião de "gosto popular" (como as bofetadas aos passageiros dos comboios na estação). É neste último aspecto que **Amici Miei** acaba por atingir uma certa função simbólica como reflexo do seu tempo, de uma geração que perdeu todas as referências, e procura o auto-aniquilamento sob o impulso de pulsões masoquistas. O que Marco Ferreri encenava na sua feroz metáfora de 1973, **La Grande Bouffe**, de que **Amici Miei** procura ser um reflexo populista.

Manuel Cintra Ferreira